

RODRIGUES DE FREITAS E O DARWINISMO SOCIAL

MARIA DO CARMO SERÊN
(Escola Secundária Augusto Gomes)

Na segunda metade do século XIX o racismo é um padrão de conduta. Já não fundamentado pela igreja e pela superioridade do cristianismo, mas pelo deslumbrado antropocentrismo que é a ciência moderna, o cientismo.

Com Augusto Comte a ciência encontrara a sua filosofia e a sua moral, que se traduz no método científico do Positivismo. O indutivismo garantia que os grandes cientistas são grandes observadores e pacientes acumuladores de informação. As teorias novas eram grandes edifícios, que ganhavam a sua significação quando terminados; depois de construídos, tijolo a tijolo - facto a facto - de forma quase cega e sem qualquer projecto ou antevisão, traduzia-se em teoria. Qualquer idéia, qualquer tentativa de antevisão, - de explicação, portanto, - era prematura e inútil, mesmo pernicioso, antes de se terminar a colocação dos tijolos: só um conjunto firme de factos permite a teoria.

O conhecimento científico surgia quase automaticamente, desde que o cientista fosse hábil na aplicação do método e honesto na acumulação de factos e fenómenos: honestidade absoluta e objectividade completa faziam a ciência e o cientista.

Era um tipo de ciência que respondia às necessidades do século da revolução industrial: ensinava e apelava à ordem e à disciplina, ao conformismo com os factos observados, garantia que o homem era o ser predestinado para desvendar e usufruir dos segredos da Natureza. Ciência de descoberta, representava o novo padrão da verdade.

O mecanicismo, herdeiro dos autómatos do século XVII, (Descartes e a sua Francine), era o modelo integrador das certezas cedidas pela filosofia, dos princípios de causalidade, do determinismo, da própria identificação do processo do raciocínio lógico com o processo natural dos fenómenos.

Mas a Natureza via-se ainda circunscrita à grande teoria da "Cadeia do Ser", que fornecia o padrão para ordenar todas as coisas, objectos minerais, vegetais e animais, dos mais baixos aos mais elevados. Cada forma reflectia imperceptivelmente a anterior, não permitindo que se fechassem categorias. É a cadeia do Ser que é responsável pela noção de elo entre as várias formas das espécies. O elo perdido continuará presente quando se procura um animal meio homem, embora lamentavelmente meio macaco, que fizesse a ligação com o homem da teoria da evolução.

A Cadeia do Ser permitia acreditar que uma compreensão mais sistemática levava o homem a aproximar-se da intenção divina; e no geral, não havia dúvidas, as causas últimas eram os objectivos que Deus consignara a toda a Natureza: preparar o advento do homem, o único que podia pensar e perceber os desígnios de Deus.

O darwinismo surge precisamente neste contexto, onde o Positivismo promovera o cientismo e o estudo da sociedade, da sua origem e do seu destino devidamente controlado pela ciência. A ciência era um factor de progresso, mas também um factor político, que se escondia na Filosofia Positiva.

Num contexto mais largo, - o dos paradigmas - mantém-se a idéia de que a Natureza funciona para o homem: Hutton, apesar de geólogo célebre e cientista da observação rigorosa, quando nega o senso comum ligado aos fenómenos vulcânicos, é categórico: *os vulcões não existem para provocar fenómenos religiosos, mas sim para evitar terremotos, poupando assim muito mais humanidade do que a que eventualmente morreria no seu avanço local*. Ou seja, persistentemente, as causas finais assomam na ciência positivista. Como evitá-lo no senso comum?

Em 1859 Darwin, precipitadamente, publica a sua *Origem das Espécies*, e se a idéia da evolução não era nova, - já fôra defendida por Maupertuis, Buffon, mesmo Cuvier e Lineu; o avô de Darwin, Erasmus Darwin na sua obra "Templo da Natureza", acreditava na evolução de todos os animais a partir de seres microscópicos, estes formados por vitalidade espontânea. Lamarck apresentara uma causa da evolução, a adaptação ao meio ambiente. Ou seja, antes de Darwin, a observação directa da Natureza já criara condições para o desenvolvimento de várias teorias, o *criacionismo*, atribuindo a Deus a criação dos tipos básicos de plantas e animais pelo processo de criação repentina, o que implica uma teoria da imutabilidade das espécies, o *fixismo*, o *catastrofismo*, lançado por Cuvier, que conciliava as evidências com a Bíblia, - Deus ia criando gerações novas, sempre que surgia uma catástrofe, que destruía as anteriores, - o *transformismo*, lamarekiano, que é já uma versão de evolucionismo, onde as transformações efectuadas nos indivíduos pela adaptação ao meio são, pouco a pouco, herdadas.

Dentro do criacionismo, mas virando um pouco ao primitivo evolucionismo, surgira a teoria da Tipologia Racial. É uma teoria sob influência de Cuvier, que irá ser afectada pelas convicções sobre a idade da Terra. Antes do século XIX admitia-se que todos os homens, pertencendo a uma só espécie, estavam aptos a progredir. Os brancos no topo, os negros na base, de acordo com a cadeia do Ser. As diferenças mentais e intelectuais seriam produzidas pelas diferenças físicas, de que era responsável a emigração e o clima - um pouco de Lamarckismo. Houve teorias que

correram mundo, dividindo as raças em activas e passivas, ou muito românticamente homens do dia - os brancos, - da noite, os negros e australianos. e do crepúsculo os mongóis, chineses e todos os que eram tidos como transições dos outros dois tipos. Esta teoria está subjacente às famosas e chauvinistas declarações de Lord Chamberlain sobre o valor rácico dos ingleses, que nada perturba na sua pureza, nem o clima, nem as deslocações na terra. Mas na Europa a teoria que mais impressiona as mentalidades será a de Gobineau, que não fez da sua obra qualquer panfleto racista, mas apenas uma análise muito pessoal e pessimista da evolução negativa da raça francesa. Gobineau vira desenvolverem-se as revoltas de Paris de 1848, e, fiel adepto da velha monarquia, identificava aí o assalto popular dos inferiores contra uns superiores incapazes de reagir e que até concediam vantagens ao adversario. Na sua "A desigualdade das Raças Humanas", Gobineau adere a uma origem épica inicial, onde os migrantes indo-europeus, ainda puros, porque se recusavam a aceitar como iguais as outras raças de inteligência bestial e péssimo aspecto, se poem em movimento. A sua expansão é a do Espírito de Hegel: de síntese em síntese, o espírito progride, assimilando a cultura das outras raças, que só o seu contacto faz despertar; a raça indo-europeia é a condutora nata da cultura e dos homens para que estes atinjam " a idéia de humanidade". Mas, infelizmente a mistura de sangue e cultura empobrecem as raças puras e Gobineau, que não apresenta soluções, nem mesmo eugénicas, como era vulgar nesta teoria tipológica, apenas lamenta o que pode observar à sua volta.

Mas com "A Evolução das Espécies" surgira a obra fundadora da biologia da evolução.

O evolucionismo interessa ao Positivismo, que também já tinha uma metáfora do organismo equilibrado, capaz de uma evolução sem choques e sem contradições, - e que utilizava na Sociologia, proclamando a lenta substituição dos clérigos pelos professores laicos, dos guerreiros pelos industriais.

Ou seja, assim que é publicada, a teoria da evolução, escapa ao controle e intenções de Darwin e sofre inúmeras aplicações que este não previra. E começa logo a ser alterada pelo seu restrito número de seguidores, "os seleccionistas", que têm à cabeça o seu mais famoso admirador e concorrente, Alfred Russel Wallace. Estes biólogos "darwinistas" atribuíam toda a mudança evolutiva à selecção natural, e viam cada elemento morfológico, cada comportamento, cada função orgânica, como um produto de selecção, conduzindo a *um organismo melhor*. Sempre a cadeia do Ser, sempre as causas finais.

Darwin, que acautelara todas as interpretações exclusivistas da adaptação na sua obra, teve de vir repetidamente, em cada edição, chamar a atenção para o que nunca afirmara. Considerava a selecção natural como o factor

mais importante na evolução, mas não o único; contra o determinismo que fôra sendo usado para classificar hierarquicamente as “raças” humanas, acentuava que *a selecção natural selecciona variações orgânicas, mas também instintos que suscitam em relação aos mais fracos comportamentos de protecção e de assistência, coroadas pelas formas evolutivas da racionalidade, da educação e da moral*. No fundo o que, já neste século, os etólogos evolucionistas avançam como *cuidados com a prole*, que a partir de certas aves se começa a manifestar como instrumento de sobrevivência da espécie.

Assim, uma circunstância única nas ciências biológicas acabara de definir-se, as idéias de Darwin foram ocultadas e deformadas em primeiro lugar pelos que se apresentavam como seus defensores. E a luta contra a ideologia religiosa ainda nem começara.

O campo mais fértil na aplicação falseada do darwinismo é a da explicação da sociedade e da fundamentação do racismo. Acabara de nascer um instrumento de explicação e utilização notável, a do antagonismo racial. Herbert Spencer defendia a aplicação brutal das leis biológicas de selecção dos mais fortes à sociedade humana. Propunha a eliminação natural dos menos aptos no seio da concorrência social. Sem nunca o afirmar, Darwin tornou-se o pai de uma série de teorias racistas e de eugenismo, que imediatamente se fundamentavam cientificamente, ou seja, se tornavam verdades científicas. Divulgadores como Herbert Spencer, que promove o eugenismo e considera a sociedade uma unidade de competição e selecção, ou Ernst Haeckel, zoólogo muito renomado, com edições populares como “A História da Criação”, onde se afirma que *os negros com pelos lanosos são incapazes de um desenvolvimento mental mais elevado*, contribuem para uma interpretação especificamente social e racial do darwinismo biológico. A tendência é o materialismo, a selecção recusa os desígnios divinos na criação. Darwin fôra obrigado a aceitar que não havia, tal como a conhecíamos, qualquer propósito ético na Natureza, onde verdadeiras perversidades edificavam soluções de sobrevivência.

Ciências de observação, com este suporte ideológico e científico, definiam vários campos de intervenção de darwinismo social e biológico: é o caso da *craniologia*, que era para Brocca, ciência fundamental no conhecimento do homem. Mais tarde, com métodos da Antropologia Física torna-se a Antropossociologia; o fundador da Sociologia Antropológica, Brocca, justifica-a como a ciência mais importante sobre o homem, pois fornecia informações relevantes sobre o valor intelectual das várias raças humanas. A Antropossociologia divulga e defende o antagonismo racial como um determinismo inato. Já mais perto de nós, e dentro da mesma linha o estudo do coeficiente intelectual tem precisamente o mesmo sentido de exclusão de grupos sociais incómodos. De resto, o princípio decorrente mais

notável era a impossibilidade de se encararem as relações entre as raças como relações sociais entre homens. Broca, que deixara uma afirmação célebre, *Na genialidade do cérebro é maior nos homens do que nas mulheres, nos homens eminentes do que nos de talento medíocre, nas raças superiores do que nas inferiores*, teve problemas quando se mediram crânios de homens célebres como o de Cuvier, que era pequeníssimo, e indiscutivelmente o grande cérebro do século XIX francês.

Broca morre em 1880, o que nos coloca no imaginário que pretendo levantar na sociedade portuguesa onde se movimentava esse homem, também pequeno, mas que se tornara um exemplo carismático de racionalidade e de bondade, Rodrigues de Freitas. Darwin morre em 1882, o ano em que se descobre o bacilo da tuberculose.

Já então as contemporâneas idéias de raça, classe e nação, idéias claramente políticas e nascidas no universo liberal, com idêntica definição e exclusão de minorias, se encontravam auto-justificadas, porque os homens ocidentais acreditavam nelas.

Rodrigues de Freitas, (1840-1896), insere-se neste contexto de afirmação indesmentida pelos factos relevantes do colonialismo e do imperialismo, do homem branco superior, preferentemente sem mistura, até porque a sua função de professor de Economia Política, mais do que a de deputado e ideólogo republicano, o levava até as idéias sociais. Os seus colegas do mal-definido “Socialismo Catedrático”, nomeadamente Oliveira Martins, que nem era socialista nem democrata, estavam profundamente embrenhados no darwinismo social, entrosando teorias que permaneciam na mentalidade, tudo facilmente veiculada pelo Positivismo, que já tendia a identificar-se com a prática republicana. Todos eles, republicanos e positivistas, mesmo Bazílio Teles, falavam das *aptidões da raça*.

Há um aspecto importante ligado ao Positivismo português. Desenvolve-se num grupo onde a opinião dos médicos é predominante, homens como Teixeira Bastos, Júlio de Matos, positivistas também ligados à revista do Porto, “O Positivismo”, Câmara Pestana, Ricardo Jorge, habituais no Hospital de La Salpiedre a verem o Dr. Charcot provocar nas suas pacientes acessos de histerismo. O materialismo positivista, alimentado por polémicas com os racionalistas do grupo de Amorim Viana ou de Sampaio Bruno e importantes elementos do clero, como Senna de Freitas, descia a uma mais vasta sociedade civil através da divulgação de obras alemãs na popular colecção *Bibliotheca Universal, Antiga e Moderna*, pela forma de versões um pouco redutoras de Fernandes Costa.

A geração positivista do Porto sucede à Geração romântica do Aguiá d’Ouro e do Guichard e junta homens da Escola Médica, da Politécnica e literatos que se pretendem realistas como Teófilo Braga. “O Positivismo” é uma revista materialista e anticlerical que entra em colapso pelo confronto

de duas correntes, a puramente positivista de Júlio de Matos, de grande rigôr metodológico e o monismo de Teixeira Bastos. Homens que também frequentarão o Cenáculo de Sampaio Bruno no Café Lisbonense, com Eduardo Falcão, Luis Botelho, Bazilio Teles, Queirós Veloso, Ricardo Malheiro; ou o Centro Artístico Portuense, a Associação de Geografia Comercial de Oliveira Martins, a Sociedade de Instrução do Porto, onde se agita sempre em trabalho de recolha e bric-à-brac Joaquim de Vasconcelos, Isaac Newton, que publica a sua Revista onde colaboram todos os grandes do pensamento e da literatura, Rocha Peixoto, Alexandre Braga, Oliveira Martins, Rodrigues de Freitas. No Porto do último quartel do século XIX reunia-se um escol verdadeiramente brilhante, que Oliveira Martins não saberá reconhecer. Embrenhado nas suas leituras onde toma lugar primeiro a obra de Gobineau, só vê decadência da raça à sua volta, e ostenta, como o autor da Desigualdade das Raças Humanas, o seu definitivo pessimismo.

Era um facto reconhecido que, como já o dissera Augusto Comte, as alterações sociais dependiam do clima, da acção política cientificamente orientada, e da raça. É um programa de elites para uma sociedade de elites - as mais altas inteligências científicas. Entre 1878 e 1882 a revista "O Positivismo" teve larga circulação, tendo dado lucro aos editores. Tinham sido traduzidos artigos de Littré e propostos temas positivistas por Teixeira Bastos e Teófilo Braga, logo no 1.º número.

O evolucionismo tinha sido abordado por Cândido de Pinho, Ernesto Cabrita, Júlio de Matos, que também fizera recensões de livros. Teixeira Bastos tinha traduzido o artigo "A Selecção Natural em Sociologia" de Horácio Ferrari, e publicara ainda um trabalho específico sobre Darwin, "Ensaio sobre a evolução da humanidade". Além do ensino na cadeira de Teófilo Braga, em Coimbra, "Traços Gerais da Filosofia Positivista", depois da revista "O Positivismo" ter terminado, há ainda duas revistas positivistas, "Era Nova", (1880-1881) e "Revista de Estudos Livres", 1883-1887.

Não se estranha que, a certa altura, as metáforas biológicas sejam idênticas, quer em republicanos quer em monárquicos. O evolucionismo, na sua forma deturpada de Darwinismo Social identifica-se tanto com o republicanismo como com o Fontismo. O evolucionismo parecia ter-se ambientado profundamente, carreando o darwinismo social. E tornara-se um movimento de opinião pública. Também no campo dos estudos jurídicos irrompe o Positivismo, com Manuel Emídio Garcia, António Henriques; deixa de haver direito natural, mas apenas influência, nas sociedades, através do clima, raça, grau de civilização, momento histórico, variáveis de época para época. A partir da década de 80, associado à propaganda republicana, domina a Faculdade de Direito de Coimbra, o Curso Superior de Letras, Lisboa, as Escolas Politécnicas, as Faculdades de Medicina. Como era da praxe lá fora, porém, republicano e patriota tornam-se

sinónimos nos anos 90. E faz-se a lista dos republicanos austeros, José Elias Garcia, Latino Coelho, Sousa Brandão, Manuel de Arriaga, Bernardino Pinheiro, Teófilo Braga, Alves da Veiga e Rodrigues de Freitas, onde “palpitava a alma da Pátria”, (Sampaio Bruno). Era, de facto dos mais austeros; indigitado no famoso envelope do governo republicano, lido pelo actor Verdial no 31 de Janeiro, Rodrigues de Freitas, que passara a revolta doente, na cama, é o único a reagir com dignidade no desmentido oficial que envia para os jornais, negando o seu consentimento no elenco, mas accitando a justiça da revolução.

Inicialmente a oposição racionalista ao positivismo conta com Sampaio Bruno, Amorim Viana e Oliveira Martins.

Mas a concepção de História em Oliveira Martins era fisiologista, reflectia as idéias darwinistas, reduzia a luta de classes ao processo biológico de selecção e assim justificava o colonialismo. O colono branco aparece como dominador dos africanos como as espécies que se querem impôr, assegurando a sua sobrevivência.- Oliveira Martins contribui assim para a formação da moderna consciência colonialista - sem deixar de augurar os malefícios que daí viriam. (Antero não se deixa iludir, critica o evolucionismo de Haeckel).

Na “Biblioteca das Ciências Sociais” Oliveira Martins expõe a evolução natural até ao aparecimento do homem, mas criticando Darwin, Haeckel, Lyell, Tylor, em algumas das suas conclusões. Criticará também os positivistas que se ocupam dos seus livros, Júlio de Matos, Luis Woodhouse, Augusto Rocha, Eduardo Burney, Adolfo Coelho. A sua Sociologia é representada pelo determinismo. A influência do darwinismo social é, no entanto, bem clara, apesar da mistura de teorias, onde, mais do que o tão falado hegelianismo, se detecta antes Gobineau: *O sistema da História universal está no desenrolar épico dos Arianos, submetendo a si ou exterminando todas as colmeias ou sociedades humanas*. Ou seja, quando tudo para lá dos arianos fôr exterminado, fica-se reduzido a um só sistema, tornando-se exacta a expressão História Universal. Termo que, segundo ele, erroneamente se tem denominado História. Do domínio crescente da sociedade ariana sobre todas as demais sociedades humanas resultará a História como conceito. (Trata-se aqui não de uma idéia hegeliana, mas de um facto empírico, a observação de acontecimentos como os que perturbaram Gobineau). Também critica o Positivismo, que faria da sociedade uma “espécie de grande animal” um ser colectivo feito de moléculas individuais. Considera que a vontade pode ultrapassar as tendências da Natureza, como a emergência de Portugal, (influência de Herculano). O que é, contraditoriamente, uma posição anti-racial e anti-determinista, que temos de ir procurar em Schopenhauer, muito popular nos finais do século, quando o darwinismo é posto em causa.

Na crítica que dirige a Oliveira Martins, Teófilo Braga é definitivo, *a nacionalidade começa a organizar-se na região Entre Douro e Minho, onde existiam mais elementos de raça ariana, sobretudo colonos gregos e romanos.*

E pegava no elemento decisivo: *Sabe-se hoje, que o ibero apresenta 2 diferenciações, a dolicocefalia na Espanha, e a braquicefalia do lado da França, e da mesma forma o celta marítimo ou lígio, e o celta central.* Desde a introdução da fotografia, nos anos 40, os médicos portugueses aplicavam-se na fixação da colecção de monstros, (morbidez do século que *espreita pelo buraco da fechadura* e funda as ciências sociais) e na reprodução, logo nos primeiros daguerreotipos, do crâneo de criminosos célebres. Assim se faz na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, em 1842, um ano depois de surgir no país o primeiro daguerreotipo. O Estado criará *Postos Antropométricos, (lei de 17-08-99) para tomar as medidas antropométricas de todos os presos que derem entrada na Cadeia Central ou que para esse fim lhes fossem enviados pelos comissariados de polícia ou pelos juizes de instrução criminal, (Art. 8.º, 2.º).*

Neste contexto de procura da identidade rática e cultural, para o que largamente contribuiu Oliveira Martins, insere-se a Questão do Homo Ribeiroi, o homem do Terciário, da Ota, em Alenquer, descoberto por Carlos Ribeiro e que provoca a organização do IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica em Lisboa no ano da Comemoração de Camões, 1880. Na sessão solene da Academia das Ciências o conselheiro Andrade Corvo, entusiasmado com o achado, faz um reportório sobre a importância do Darwinismo, da evolução do homem e da teoria da evolução das sociedades.

Mas nos finais do século, em plena época de euforia da produção, do cientismo e do Positivismo, quando a partilha de África se justificava plenamente pelo darwinismo social, Rodrigues de Freitas faz afirmações surpreendentes. Numa análise sobre a hominização e o seu significado decisivo, ressalta o valor do trabalho para a criação do homem e da cultura, adiantando-se décadas à teorização de Leroi-Gourhan. Apesar da sua formação naturalista, comungando com o evolucionismo, considera que as leis darwinianas da luta pela existência e da selecção natural não podem ser aplicadas às sociedades, pois nem sempre nessa luta é assegurado o triunfo de todos os que são mais fortes.

Mostrava desconhecimento dos argumentos de Darwin, provavelmente só conhecia o evolucionismo através de Spencer, mas mostrava também a sua diferença, a coragem moral que sempre demonstrou, mesmo quando os paradigmas sociais e mentais podem ser mais fortes do que os homens.

COMENTÁRIO BIBLIOGRÁFICO

1. A informação geral sobre o cientismo do século XIX retirei-a, basicamente, das minhas leituras das divulgações pela Gradiva, de todas as obras de Stephan J. Gould, darwinista impenitente, o que me obrigou por várias vezes a consultar Manuais básicos de Biologia e Geologia. (SKINNER/PORTER, *The Dynamic of Earth. An Introduction to Physical Geology*, John Wiley & Sons Inc., New York, 3ª Ed., 1995; J.L.GOULD, W.T.KEETON, *Biological Science*, 6ª Ed., W. W. Norton & C., N.Y/London). Para a luta entre o criacionismo e o darwinismo e entre Darwin e os "Selecionistas" sigo várias das interpretações de S. J. Gould sobre textos da época, dado que a História da Ciência é um vector fundamental neste conhecido autor.
2. Continua a ser útil para uma idéia de Racismo e sua evolução histórica, nomeadamente o momento do Darwinismo Social, a obra de MICHEL BANTON, *A idéia de Raça*, Ed. 70, 1979, Lisboa.
3. Advém das leituras das divulgações publicadas na Biblioteca Universal, Antiga e Moderna, (por exemplo, EUGÉNIO HUZAR, *O fim do Mundo pela Ciência*", com comentário - igualmente significativo - de Fernandes Costa, Lisboa, Ed. Davi Corazzi, 1888; FONTENELLE, em versão revista pelo cientismo, *A pluralidade dos Mundos*, mesma editora, 1888 e ainda no mesmo volume, por CAMILLE FLAMMARION, *Habitantes de Outros Mundos*; LUIZ BUCHNER, *Luz e Vida*, Lisboa, Cª Nacional Editora, 1889) a minha convicção de que não era essencialmente a partir de revistas ou cursos específicos de Positivismo, ou mesmo do interesse público que as polémicas suscitavam, o desenvolvimento de um notável espírito materialista de pendor positivista e evolucionista que estaria na origem da fácil aceitação do darwinismo social. Tudo indica que a divulgação de obras entendidas como científicas, como as citadas, teve aí um importante papel, dado que bibliotecas editoriais como esta, eminentemente populares pelo preço, tinham o cuidado de publicar em cada volume obras de vários tipos, literário e científico. De notar que estes volumes - e outros estudados, - pertenciam à Biblioteca da Sociedade Alexandre Herculano, fundada no Porto em 1884.
4. Para a análise da obra dos mentores científicos e literários do século XIX, nomeadamente Oliveira Martins parece-me ser sempre útil a consulta de ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA, agora facilmente acessível nas publicações de *O Público*, (*A Tertúlia Ocidental*, p.ex.), mas preferir estabelecer o paralelo entre as obras do escritor oitocentista e a de Gobineau, Le COMTE de GOBINEAU, *Essai sur l'Inégalité des Races humaines*, Paris, Belfond, 1967.
5. Infelizmente não conhecia, antes da publicação de *Novas Páginas Avulsas*, (Rec.Introd. JORGE FERNANDES ALVES), a intervenção de R.F. em Maio de 1874. O desenvolvimento da minha comunicação assentava no folheto *O Portugal Contemporâneo do sr. Oliveira Martins, 1881, Oliveira Martins vs Rodrigues de Freitas - Os interesses económicos no Porto*, J. F.ALVES, in *O Tripeiro*, Agosto de 1994, e *Princípios de Economia Política*, J. J. RODRIGUES de FREITAS, Porto, 1883.

